

AS DIFERENTES CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS NO GÊNERO CHARGE

Maria Andréia Pereira Rodrigues;

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: andreiaxdpereira@hotmail.com

Dulcimaria Alves Medeiros;

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: dulci-martins@hotmail.com

Adalgiza Queiroz;

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: adalgiza.queiroz@live.com

Vanlúcia Alves da Costa

Escola Estadual “Doutor José Fernandes de Melo”
E-mail: vanlucia.29@gmail.com

RESUMO: O presente artigo propõe investigar como é construído discursivamente, em charges não virtuais, os diferentes temas como: saúde, educação, política, meio ambiente, etc. E com base nas pesquisas delimitadas, pretende-se apresentar os diversos tipos de charges como também a sua importância no nosso contexto social. Discutir assim a construção de sentidos, observando também os ditos e não ditos expressos por elas. Como fundamentação teórica, tomamos por base as discussões propostas por autores como Orlandi (2007), Silva (2004), Oliveira (2001), Sousa (2008) e Pereira (2006). O corpus da pesquisa constitui-se de charges não virtuais, acerca de diferentes temáticas. Com base na análise feita, podemos constatar que as charges, em suas materialidades discursivas sempre evocam outros discursos em suas falas. O objetivo principal do nosso trabalho foi despertar no estudante o senso crítico acerca dos diversos temas abordados pelas charges, fazendo assim a contextualização com o nosso cotidiano, criando neles o desejo de despertarem para os problemas que assolam a nossa sociedade e que precisam ser tomadas algumas medidas para amenizar os problemas que foram criticados pelos chargistas, mostrando, assim, os diversos sentidos que esse gênero pode apresentar.

PALAVRAS-CHAVE: Charges. Ditos. Não ditos.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo parte da experiência que constitui na aplicação de uma oficina de leitura de charges em sala de aula com os alunos do 9º ano, do ensino fundamental, em escola pública de São Francisco do Oeste, orientado pela professora Lucineide da Silva Carneiro. A oficina foi uma concretização da atividade prática da disciplina de Leitura, componente curricular do curso de Letras – habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas – do campus avançado

professora Maria Eliza de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que se deu na produção de oficinas teóricas/práticas.

Assim sendo, apresentaremos aqui o relato da oficina intitulada “As diferentes construções de sentidos no gênero charge”, a qual foi realizada na cidade de São Francisco do Oeste / RN, tendo como participantes 19 jovens, alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Este trabalho foi dividido em duas etapas. A primeira serviu para constatação e reflexão sobre a visão que os discentes da escola Estadual Professor Manoel Herculano tinham sobre charges ou até mesmo sobre os gêneros textuais trabalhados em sala de aula, no ensino de língua portuguesa. Na segunda etapa foi desenvolvido um trabalho com os alunos do 9º ano, que foram dirigidos pelos ministrantes, na ocasião ocorreu à produção de charges diferentes, com vários efeitos de sentidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Silva (2006) A charge surgiu, formalmente, na França, como uma forma de protesto e a não liberdade de imprensa, sempre controlada rigorosamente pelo Estado. Dessa forma, algumas das características mais relevantes da charge é a caricatura, a sátira e a ironia. Seus significados são, frequentemente, complexos, precisando que seu leitor tenha conhecimentos prévios nos temas que aparecem nos mesmos.

Sabemos que esse gênero não mostra só o seu aspecto humorístico, mas também de criticar um determinado assunto que repercute em jornais, revistas e em outros meios de comunicação, tendo assim um propósito comunicativo a ser atingido com o seu público, sendo esse um dos principais papéis da charge. No que iremos tratar desse gênero no decorrer desse trabalho, cabe falarmos um pouco acerca das diferentes construções de sentido nas nossas produções textuais, assim como também falar do discurso que o outro tem.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2007, p. 32).

De acordo com Orlandi (2007) nós não somos donos dos nossos discursos, não sendo, portanto, uma propriedade particular do sujeito, para a autora todo discurso é alheio, e sempre estabelece relações com outro discurso já existente.

É importante destacarmos que podemos encontrar charges verbais e não verbais. As charges assim como outros textos são muito ricas e densas em seus posicionamentos, como nos gêneros opinativos e editoriais, que transmitem um posicionamento crítico sobre os fatos políticos.

Portanto, é necessário sem sombra de dúvida para a interpretação dos discursos chargísticos, conhecimento dos fatos atuais, assim como também um conhecimento de mundo aprimorado para que se tenha uma compreensão necessária do que o texto trata. Assim é essencial nas leituras de charges por parte de seu interlocutor dirigir atenção para as estratégias e possibilidades de sentido que o texto traz, muitas vezes sendo uma leitura silenciosa e oculta. Em síntese, é necessário que o interlocutor analise as entrelinhas, o explícito e o implícito, o dito e o não dito, que muitas vezes não está presente no texto, mas cabe ao seu interlocutor ir ao encontro deste conhecimento, ou seja, o leitor precisa ter sensibilidade para perceber os efeitos de sentido que estão presente nos textos.

O dizer tem relação com o não dizer. Partindo desse pressuposto, entendemos que o dizer parte de um não dito, um discurso sempre oculta outro. De todo miolo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam. (ORLANDI, 2007, p. 82).

Compreende-se assim que todo sujeito ao elaborar seu discurso, seleciona o que vai falar ou dizer. Orlandi afirma que “há sempre no dizer, um dizer não necessário”. É claro que para que um certo dizer seja dito, é preciso que muitos outros fiquem de fora. Então podemos observar que é através do dito que se encontra o não dito, uma vez que há necessidade de escolhas entre os ditos. A análise do discurso traz uma nova afirmação sobre o não dito.

Vale lembrar que há uma outra forma de trabalhar o não dito na análise do discurso. Trata-se do silêncio. Este pode ser pensado como respiração da significação, lugar de recuo para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É essa uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador. Silêncio que indica que o sentido pode ser outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras que “falam” por elas, que as calam. (ORLANDI, 2007, p.83).

Com base entre o dito e o não dito, existem várias possibilidades de interpretações construídas pelo sujeito mediante o discurso com o qual se depara.

CONCEITUANDO A CHARGE

Segundo Silva (2004) a palavra charge é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo cômico, provocando o riso no leitor, e despertando para uma realidade descontraída, fugindo assim de um padrão convencional de linguagem.

Caracterizada como um gênero natural e fértil a charge permite ao leitor observar os ditos e os não ditos que ficam implícitos nos textos. É um gênero que denuncia e critica os problemas sociais que, muitas vezes, são mascarados por uma sociedade de aparências.

De acordo com Oliveira (2001) a charge tem se constituído ao longo do tempo como uma poderosa ferramenta de crítica, que denuncia e satiriza os mais diversos problemas, sejam eles sociais ou econômicos, que perpassam o contexto social no qual estamos inseridos. É um tipo de gênero que faz uso do humor para denunciar problemas sociais, e permite ao leitor situar-se no contexto sócio histórico. Utiliza-se tanto da linguagem verbal, como não verbal, a interpretação desse gênero requer do leitor uma capacidade de compreensão que vai do texto até as imagens.

Com base em Sousa (2008) a charge por sua característica humorística tem ganhado um espaço bastante amplo, promovendo cada vez mais interesse dos leitores por esse gênero, que além de ser um texto veiculador de denúncias, também proporciona entretenimento.

Conforme Pereira (2006) a charge configura-se como uma forma de criticar e denunciar os problemas sociais de uma maneira bem-humorada, provocando no leitor o riso e ao mesmo tempo desenvolvendo a criatividade sobre os mais variados problemas sociais que afetam a nossa sociedade.

Ainda segundo Sousa (2008) argumenta que, com o surgimento da tecnologia, com ênfase no aparecimento da internet, a charge assumiu outras proporções, resultando no surgimento da charge virtual. Diferentemente da impressa, a charge virtual também pode utilizar-se de efeitos visuais de animações e efeitos sonoros em sua apresentação. O foco da charge virtual também é o mesmo da impressa: a política, os fatos sociais, acontecimentos esportivos, etc. Porém, como todo gênero discursivo que ganha uma versão eletrônica, a charge virtual pode ser mais interativa e divertida, pois quando as personagens reais são retratadas nela, as vozes, os gestos são igualmente representados. Além disso, músicas e efeitos sonoros são incorporados e a animação ajuda o expectador a fazer uma melhor interpretação dos acontecimentos.

A charge virtual pode ou não apresentar os recursos audiovisuais, sendo apenas um recurso extra proporcionado pela tecnologia, mas o que vai realmente caracterizá-lo como virtual, pois segundo Sousa (2008), “é o meio em que ela foi produzida e o ambiente onde circula”, mesmo ganhando novos recursos audiovisuais, ainda encontramos charges com a mesma estrutura do modelo impresso. Desta forma, compreendemos que as charges coletadas para essa pesquisa, não são audiovisuais, ficando assim bem claro o conceito da charge virtual.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS PELOS ALUNOS DO 9º ANO

Sabemos que dentro da sala de aula existe uma especificidade de atividades que o professor pode desenvolver para uma aula dinâmica, e a charge é um gênero que possibilita uma aula criativa.

A leitura e interpretação da charge desperta a análise crítica da situação apresentada, e foi dessa forma que a charge foi trabalhada com os alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Manoel Herculano. Dessa maneira, trabalhamos o gênero proporcionando discussões a fim de levar os estudantes a reflexões sobre seus conhecimentos e competências no processo de leitura e interpretação, apresentando formas para que associassem a o texto com a realidade.

Partindo do pressuposto de que discutimos temáticas variadas de charges, construindo pensamentos críticos, alguns mais que outros, e que apresentamos a proposta dos alunos colocarem seus conhecimentos na prática, pois é por meio da prática que somos capazes de melhor transmitir nossa opinião, bem como o nosso ponto de vista. Nas primeiras atividades desenvolvidas os alunos analisaram diversas charges, por exemplo, uma que mais gerou discussão sobre o assunto, direcionada para os jogos olímpicos no Brasil onde os alunos relacionaram a imagem ilustrativa com as frases, e logo foi possível observar a rapidez que tiveram em assimilar os enunciados, surgindo debates onde os alunos expuseram suas opiniões.

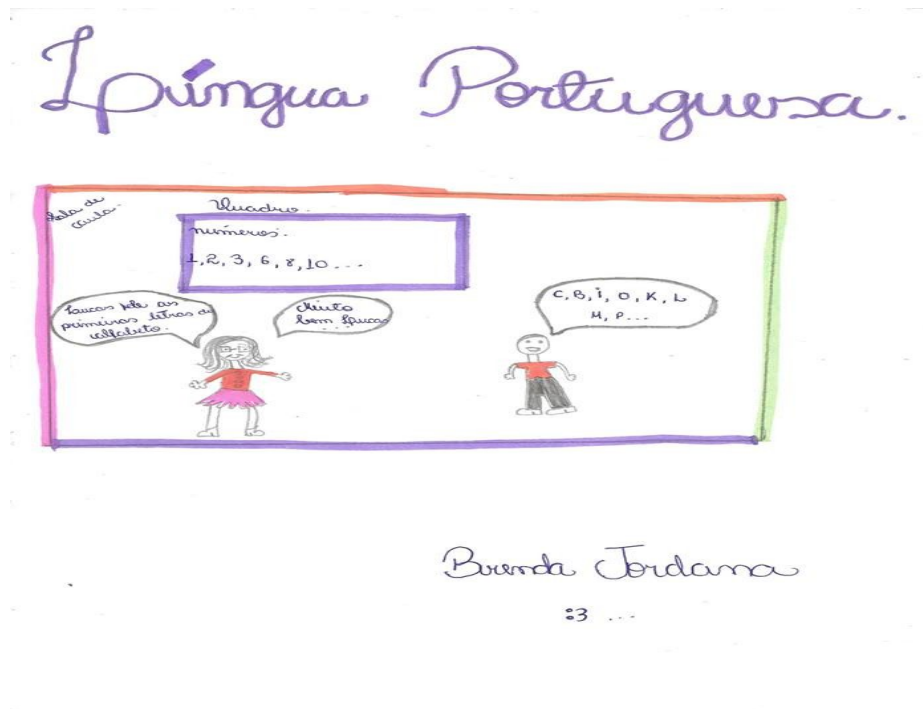
Como o nosso objetivo principal era despertar no aluno o senso crítico sobre os vários temas abordados nas charges achamos que seria fundamental que os alunos colocassem o aprendizado em prática, foi aí que veio a proposta da produção. Na construção das charges orientamos os alunos que procurassem algum tema que mais os chamasse a atenção e que estivessem por dentro do em todas as esferas: nacional, política, econômica, social etc., despertando no aluno o interesse de encontrar o sentido do texto, uma vez que o discurso do sujeito se apresenta neste processo. A atividade foi bastante produtiva e foram criadas cerca de treze charges, as quais os alunos terminaram a atividade fazendo a apresentação para o restante da turma e dessa forma pode-se observar que os alunos

consideram uma atividade interessante, pois compreenderam que a leitura nos leva a pensar sobre atitudes adquiridas em nossas vivências assim como crenças e valores.

Dando continuidade, agora com a análise do corpus da nossa pesquisa, constituído a partir da escolha de 2 charges com diferentes temas, sendo resultado da produção dos alunos.

Vejamos a imagem 1:

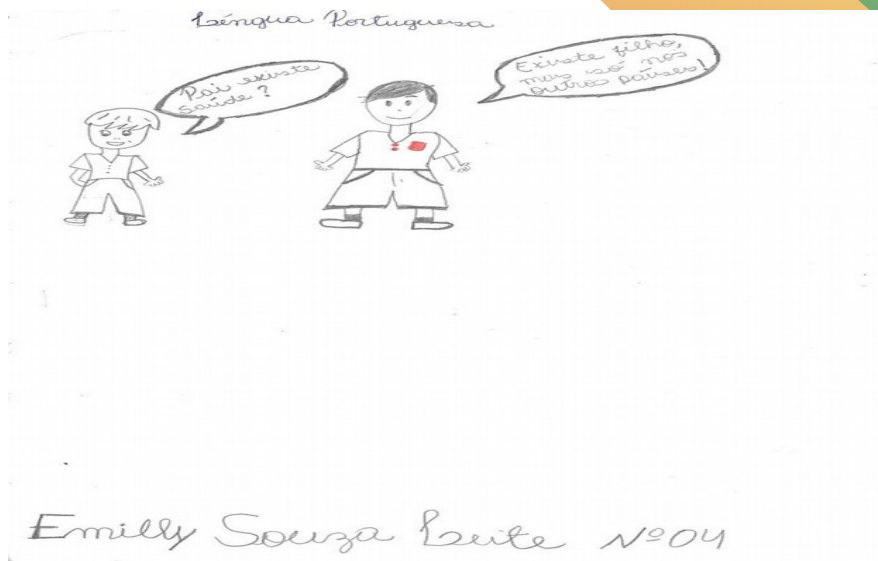
Imagem 1



Percebemos que nessa charge da imagem 1, a aluna Brenda Jordana critica a má qualidade do ensino e demonstra assim como anda a educação no Brasil. A professora pergunta as primeiras letras do alfabeto e o aluno responde “c, b, i, o, k, l, m, p” além do aluno não saber as primeiras letras do alfabeto, ainda fala sem estarem em uma ordem correta e a professora não corrigi.

Na imagem 2 analisamos que a aluna Emily faz uma crítica a saúde brasileira:

Imagem 2



Na charge o menino pergunta para o pai: “pai existe saúde?” e o pai responde: “Existe filho, mas só nos outros países.” Sendo a saúde um tema bastante abordado em charge a qual critica a falta de investimento no Brasil, percebemos que essa é a nossa verdadeira realidade, a realidade de um país, o qual os governantes não se preocupam com a qualidade da saúde.

Diante da análise do corpus, percebemos que os alunos no início tinham a ideia de que charge tinha apenas a função de causar humor, mas no final do conteúdo, vimos que conseguimos atingir nosso objetivo que foi ler e interpretar charges, dando ênfase à intencionalidade própria do gênero: fazer crítica mediante o humor, como também conhecer alguns recursos linguísticos e visuais existente nesses textos.

Pode-se observar nas atividades desenvolvidas sobre o gênero charge, que os alunos consideram uma leitura interessante, pois compreenderam que a leitura nos leva a pensar sobre atitudes adquiridas em nossas vivências assim como crenças e valores.

4. CONCLUSÃO

Considerando o momento atual, marcado pela diversidade de leitura, a charge é um instrumento que utiliza a imagem para chamar a atenção do leitor e também não deixa de utilizar a linguagem com propósitos específicos e definidos pelo seu criador, deixando de ser neutra. Atualmente, é muito comum vermos isso na imprensa escrita, e na televisiva, em que o foco está sempre voltado ao que acontece na política e na economia principalmente.



Percebemos que trabalhar com charge é ir além do que está exposto nelas, é buscar novas maneiras e estratégias de descobrir o seu sentido, que muitas vezes não estão expostos, e cabe ao seu interlocutor ter um bom conhecimento do tema que está sendo tratado, para que possa expressar o que se quer dizer na charge, pois a interpretação depende de cada um, de cada entendimento, ou forma de pensamento.

Durante os estudos sobre a charge, pudemos concluir que a análise do discurso desse gênero textual revela um amplo conhecimento por ser um gênero que contém discursos que muitas vezes podem estar subentendidos, envolvendo o interlocutor em questões sociais, além de apresentar em seu texto diversão desperta um interesse no aluno que mais tarde possivelmente desenvolverá uma visão crítica sobre o que a charge aborda, trabalhando assim a linguagem em sua forma e, ao mesmo tempo, trabalhará a linguagem.



REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, M. R. M. Foucault, o discurso e o poder. In SARGENTINI, V.; NAVARRO. P. (org). **Foucault e os Domínios da Linguagem**: discurso, poder, subjetividade São Paulo: Claraluz, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª Ed. São Paulo: Pontes, 2007.

PEREIRA, T. M. A. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, A. de P. D. da (org). ET al. **Ensino de línguas**: do impresso ao virtual. Campina Grande, PB: EDUEP, 2006.

SILVA, C. L. M. e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas RGS: UFRGS, 2004.

SOUSA, H. V. A. de. **A charge virtual e a construção de identidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.